

O TURISMO COMO OBJETO DE ESTUDO ACADÉMICO

Noémi Marujo

Universidade de Évora/CIDEHUS

noemi@uevora.pt

ORCID: 0000-0001-8058-5130

Resumo: O turismo tem uma natureza complexa e, por isso, o seu estudo tem causado algumas discussões sobre o seu enquadramento teórico e metodológico. Cada ciéncia que se cruza com o turismo terá sempre uma tendéncia para analisá-lo de acordo com a sua perspetiva. A complexidade e abrangéncia do fenómeno turístico tem levado autores a discutir o turismo como uma disciplina autónoma, como uma área multi, inter ou transdisciplinar. O presente capítulo pretende ser uma reflexão teórica sobre o turismo enquanto objeto de estudo na academia.

Palavras-chave: Turismo; Disciplina; Interdisciplinaridade; Multidisciplinaridade; Transdisciplinaridade.

Abstrac: The nature of tourism is complex and therefore studying it has caused some debate about its theoretical and methodological framework. On meeting tourism, each science will always tend to analyse it from its own perspective. The complexity and scope of the phenomenon of tourism has led authors to discuss it as an autonomous discipline, or as a multi-, inter- or transdisciplinary area. The aim of this chapter is to provide a theoretical reflection on tourism as an object of study in academia.

Keywords: Tourism; Discipline; Interdisciplinarity; Multidisciplinarity; Transdisciplinarity.

Introdução

O turismo é um fenómeno social, económico, político, cultural, geográfico e comunicacional que provoca diversos impactos, especialmente nas sociedades onde a atividade se desenvolve. Por isso, o turismo é classificado, de acordo com as diferentes visões dos autores, em diversos critérios: pelas experiências que provoca, pelos impactos que causa; pela sua natureza emissiva ou recetiva; pelos efeitos que acarreta; pelo volume dos turistas (minoria ou de massa); pelo seu objetivo ou motivação; pelo tipo de alojamento e de transporte, etc. (Marujo, 2013).

O turismo tem uma natureza complexa e abrangente. Por um lado, o turismo é complexo porque não existe uma definição consensual para o turismo, mas sim um conjunto de várias investigações para responder à questão: o que é o turismo? (Przeclawski, 1993). Por outro, o turismo é abrangente porque trata-se de um fenómeno que penetra no campo de várias ciências sociais. De facto, o conceito de turismo está relacionado com múltiplas conceptualizações que assentam nas conceções ontológicas, epistemológicas e paradigmáticas do observador e, por isso, a definição permanece aberta a uma substancial contestação (Hall *et al.*, 2004).

As investigações em turismo são principalmente moldadas pela forma como o investigador define o turismo (Marujo, 2013). Logo, “a definição pode ser explícita ou implícita, mas há sempre uma definição de turismo em algum lugar por detrás de cada projecto de pesquisa” (Smith, 2010, p. 1). Cada investigador terá uma tendência para analisar o fenómeno turístico através dos paradigmas da ciência em que foi formado, o que significa que podem existir abordagens diferentes para problemáticas de estudo idênticos (Marujo, 2013). Assim sendo, cada ciência que se cruza com o turismo terá sempre uma propensão para estudar o fenómeno turístico de acordo com a sua perspetiva. Por isso, “o objeto de estudo do turismo é um objeto em construção, não é um objeto construído, pois o fenômeno turístico é um acontecimento instituinte, pois tem como motor as práticas sociais em seu tempo sócio-histórico” (Beni & Moesch, 2016, p. 27).

Nesta complexidade e abrangência do fenómeno turístico, diversos autores discutem o turismo como uma disciplina autónoma, como uma área multi, inter ou transdisciplinar.

1. O estudo do turismo: disciplina autónoma, área multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar?

O estudo do turismo, por parte das ciências humanas e sociais, tem causado algumas discussões sobre o seu enquadramento teórico e metodológico (Marujo, 2013). Atualmente, “o turismo vive a sua crise epistemológica e é preciso reconhecê-la. A crise do turismo é de ordem racional e fragmentária...” (Valduga, 2013, p. 463). A crise epistemológica do turismo é observável na pobreza conceptual dos seus marcos teóricos e tecidos metodológicos (Nechar & Netto, 2010). Sublinhe-se que a epistemologia é essencial para a criação das bases científicas de qualquer campo de estudos. No caso do turismo, a epistemologia “ainda é vista como tema complexo, exótico, teórico, filosófico e com pouca aplicabilidade” (Netto & Nechar, 2016, p. 25). De facto, uma epistemologia do turismo é fundamental porque ela questiona

o carácter do conhecimento do turismo, as fontes do conhecimento turístico, a validade e confiabilidade das reivindicações de conhecimento do mundo externo do turismo, o uso de conceitos, os limites dos estudos turísticos e a categorização dos estudos em turismo como disciplina ou campo (Tribe, 1997, p. 639).

Para Netto e Nechar (2016, p. 26), a epistemologia é importante para que seja possível explicar “como se pensa o turismo”. Nesta linha de reflexão Tribe (1997, p. 639), afirma que a epistemologia em turismo é fundamental por duas razões. Primeiro porque “promove uma revisão sistemática do que é o legitimo conhecimento turístico”. Segundo porque “ainda não há acordo sobre os limites dos estudos em turismo, e a epistemologia pode ajudar no

desenvolvimento desse debate”. Segundo Valduga (2013), o pensar turístico exige a ‘reforma de pensamento’ e não apenas de unidades curriculares. Essa ‘reforma de pensamento’ deve começar por pensar o objeto científico do turismo. Segundo o autor “é comum encontrar pesquisadores que desconhecem o objeto de estudos do turismo ou ignoram a discussão, diminuindo a sua relevância. Mesmo em programas *stricto sensu* de turismo, raras são as oportunidades de pensar tal objecto” (Valduga, 2013, p. 464). De acordo com Korstanje (2012), o pensamento científico sobre o objeto do turismo pode ser determinado por meio de três pilares: a inferência de leis; a replicabilidade da informação; a explicação dos fenómenos.

Existe uma reflexão considerável entre a comunidade científica do turismo sobre as questões metodológicas, as orientações de pesquisa e a abordagem mais apropriada para os estudos do turismo (Echtner & Jamal, 1997). Tais reflexões ilustram que os investigadores estão divididos nas suas opiniões sobre o facto de o turismo poder ser estudado como uma disciplina autónoma (Arrilaga, 1974; Leiper, 1981; Jovicic, 1988; Comic, 1989; Hoerner, 2002) ou como uma área de especialização dentro de outras disciplinas já existentes (Jafari, 1990; Graburn & Jafari 1991; Tribe, 1997). Portanto, enquanto alguns investigadores tentam descrever os estudos do turismo como uma disciplina, outros têm encontrado evidências para analisar o fenómeno turístico como um campo multidisciplinar e interdisciplinar (Przeclawski, 1993; Tribe, 1997) ou ainda como uma área transdisciplinar (Sonaglio, 2013).

Note-se que Beni e Moesch (2016) afirmam que a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são essenciais para a análise do turismo enquanto fenómeno comunicacional, económico, sociocultural e, ainda, possuidor de uma prática social. Por isso, consideram que o investigador para entender a complexidade do fenómeno não se deve limitar a uma única disciplina ou a um único campo do saber. Para estes autores, o estudo do turismo “requer um questionamento sistemático de tudo que envolve o fazer-saber turístico e do que se quer fazer; o saber turístico é e será objeto de desconstrução permanente” (Beni & Moesch, 2016, p. 21).

1.1. O turismo como disciplina autónoma

A discussão sobre o estudo do fenómeno turístico ser ou não uma ciência não é recente. De acordo com Netto, Noguero e Jager (2011), o autor Glucksmann, em 1935, já discutia sobre este assunto. Ou seja, na sua análise e reflexão sobre o conceito de turismo Glucksmann procurava a “criação de uma ciência turística” (Netto, Noguero & Jager, 2011, p. 550).

Para alguns autores, o estudo do turismo pela sua complexidade e abrangência não pode ser investigado de uma forma adequada no seio de qualquer outra área disciplinar, pois só o nascimento de uma disciplina única e autónoma pode permitir o desenvolvimento integrado de uma teoria do turismo (Jovicic, 1988; Hoerner, 2000). Para os autores (Leiper, 1981; Jovicic, 1988; Comic, 1989; Horner, 2002), “se o turismo não for estudado como um todo, os argumentos vão persistir no que diz respeito às definições, modelos e orientações. Essas divergências resultarão, principalmente, das tentativas de descrever e definir o turismo dentro das várias fronteiras disciplinares” (Echtner & Jamal, 1997, p. 870).

Walter Hunziker (1952), numa comunicação apresentada na AIFEST (International Association of Scientific Experts in Tourism), sublinhou que existia uma falta de interesse pela investigação e ensino do turismo, e que este não podia continuar a ser “um enteado da ciência” (Hunziker, 1952, p. 88). O autor defendeu a necessidade de uma ‘doutrina turística’ entendida como um sistema de conhecimento sobre um determinado objeto. No caso do turismo, é um sistema logicamente construído segundo critérios científicos que serve, ao mesmo tempo, para fins educacionais, ou seja, o ensino (Hunziker, 1954). O autor opunha-se deste modo às tentativas de estabelecer uma ciência do turismo em pé de igualdade com outras disciplinas científicas como, as ciências económicas, a filosofia ou o direito. O autor procura esclarecer a problemática da doutrina turística questionando “se o turismo pode ser de, de facto, objecto da ciência, ou seja, objecto de considerações científicas” (Hunziker, 1954, p. 58). O autor recorre ao trabalho “*Fremdenverkehr Gegenstand wissenschaftlicher Forschung*” de Heinz Sauermann, publicado em 1952, onde este afirma que o

turismo é acessível a um estudo científico na medida em que a tarefa da ciência consiste, neste campo específico, em entender e ordenar a realidade empírica através do pensamento. Assim sendo, “nós podemos efectivamente considerar a doutrina turística como uma ciência particular, desde que tal resulte num sistema completo de ideias e conhecimento” (Hunziker, 1954, p. 58). Logo, o autor defende que o objeto da doutrina turística consiste “no estudo dos fenómenos turísticos em função do seu significado para a cultura” (Hunziker, 1954, p. 59).

Defert (1966) propôs o conceito “turistologia’ para uma possível ciência do turismo (Nechar & Netto, 2010), mas a designação foi rejeitada pela comunidade científica. Em 1967, o italiano Fragola sugeriu uma ‘turismografia’. No entanto, a denominação também não teve aceitação na academia (Nechar & Netto, 2010).

José Arrillaga, no seu artigo “*El turismo como ciência*”, publicado em 1974, na Revista ‘Estudios Turísticos’, disserta sobre a possibilidade, conveniência e necessidade de estudar o turismo como uma ciência. O autor argumenta que o turismo é um fenómeno social de grande transcendência e, por isso, é necessário conhecer as suas realidades e possibilidades, mas também os seus defeitos e inconvenientes (Arrillaga, 1974). Para este autor, as vantagens e inconvenientes do turismo, os seus êxitos e fracassos não se devem apenas à casualidade, mas igualmente a razões que umas vezes são visíveis e, outras, ignoradas ou desconhecidas. Assim sendo,

para evitar esses inconvenientes e fracassos é preciso conhecer as causas e não atribuí-las a meras casualidades. (...) Se para Einstein a ciência é só uma tentativa da reconstrução da existência pelo processo da contemplação, a ciência turística seguirá este mesmo caminho de procura e formulação de conceitos (Arrillaga, 1974, p. 10).

Arrillaga (1974) afirma que para alcançar conhecimentos profundos sobre o turismo, investigar as suas causas e princípios é necessário utilizar instrumentos científicos,

não só porque o turismo é um fenómeno complexo que apresenta várias facetas e aspetos; não só porque não existe uma ciência especial e distinta à qual poderíamos chamar de turismologia; não só porque este fenómeno é relativamente recente, mas pela unidade da ciência. O seu aprofundamento científico supõe a utilização de métodos e técnicas que foram elaborados e empregados durante séculos ou recentemente com outras finalidades (Arrillaga, 1974, p. 16).

Arrillaga (1974) considera que, para o estudo das distintas facetas que o turismo apresenta, é necessário utilizar as ciências mais apropriadas como, por exemplo, a Geografia, a Sociologia e a Economia. Todavia o autor realça que – apesar das múltiplas facetas, aspetos e manifestações do turismo deverem ser estudadas com métodos científicos aplicando, em cada caso, as disciplinas mais apropriadas que, por sua vez, levam a um corpo de conhecimento no turismo – “muitos conhecimentos não formam uma ciência porque ciência é um corpo de doutrina metodicamente formado e ordenado, que constitui um ramo particular do conhecimento humano” (Arrillaga, 1974, p. 21). Portanto, segundo, o autor não existe, ainda, no campo do turismo um corpo de doutrina metodicamente formado e ordenado. As dificuldades para a configuração de uma real turismologia estão essencialmente no uso de técnicas comuns e na carência de uma autonomia doutrinal e dialética (Arrillaga, 1974).

Neil Leiper no seu artigo “*Towards a cohesive curriculum tourism: the case for a distinct discipline*”, publicado em 1981, na Revista ‘Annals Tourism of Research’, considera que uma base multidisciplinar é um impedimento para a educação em turismo. “O estudo do turismo como um tema central tem sido, por vezes, tratado com desprezo nos meios académicos, talvez por causa da sua novidade, talvez devido à sua fragmentação superficial, talvez porque ele atravessa disciplinas estabelecidas” (Leiper, 1979, p. 392). O autor enfatiza que no meio académico há um crescente interesse no turismo, mas que os investigadores se têm especializado em partes particulares sobre a área e, por isso, sugere que “uma nova disciplina pode ser criada para organizar o corpo

de conhecimento existente e que tal disciplina pode-se tornar o núcleo de uma abordagem interdisciplinar” (Leiper, 1981, p. 69).

Leiper (1981) propõe uma ‘turologia’ como uma disciplina para desenvolver a base geral de uma teoria do turismo. Todavia, realça que uma abordagem interdisciplinar que integra conceitos e ideias de diferentes disciplinas é necessária para o estudo do turismo. O autor reconheceu, no seu artigo “*An emerging discipline*”, publicado na ‘Annals of Tourism Research’, em 2000, que o reconhecimento do turismo como uma disciplina pode desencorajar os investigadores de várias áreas disciplinares a publicarem os seus trabalhos, e que “a investigação sofreria se isso acontecesse” (Leiper, 2000, p. 805).

O grande defensor da ideia de tratar o fenómeno do turismo como objeto de uma ciência única, independente e original foi o geógrafo Zivodin Jovicic que, no seu artigo “*A plea for tourismological theory and methodology*”, publicado em 1988, na ‘Tourism Review’, defende a criação de uma ‘turismologia’ como uma ciência distinta e autónoma. O autor realça que o turismo é um fenómeno complexo e, por isso, o seu estudo não pode ser simplesmente associado às várias disciplinas que já o estudam como, por exemplo, a Sociologia, a Geografia, a Economia e a Antropologia. Assim,

nenhuma disciplina pode pretender representar a pesquisa em turismo.

Elas são apenas diferentes abordagens para o fenómeno, complementando-se ou contradizendo-se umas às outras. É por isso que diferentes termos tais como a ‘turismologia’ são propostos para cobrir convergências e criar laços (Jovicic, 1988, p. 2).

Jovicic (1988) acrescenta ainda que o turismo “é composto de aspetos individuais que requerem o estudo da relação entre as partes e o todo” (Jovicic, 1988, p. 3). Assim, e para este geógrafo, a observação de elementos individuais de forma independente do todo, “resultou numa definição equivocada do turismo como fenómeno económico, geográfico ou sociológico” (Jovicic, 1988, p. 3). Para o autor, só uma ‘turismologia’ poderia facilitar a aliança de estudos especializados na área do turismo que ocorrem em diversas disciplinas.

Todavia, afirma que a turismologia enquanto “teoria integral do turismo...não exclui estudos especializados tais como os seus aspetos económicos, geográficos, sociológicos, assim como os aspetos psicológicos, médicos, políticos, urbanos, pedagógicos e outros” (Jovicic, 1988, p. 3). O autor admite que construir uma nova disciplina científica é um processo ambicioso porque o fenómeno turístico é extremamente complexo e tem dificuldades intrínsecas que dificultam o seu conhecimento científico, mas que “a turismologia como ciência...vai encontrar a sua afirmação plena num futuro próximo” (Jovicic, 1988, p. 2).

Dorde Comic defende, no seu artigo “*Tourism as a subject of philosophical reflection*”, publicado em 1989, na ‘Tourism Review’, que o turismo continuará a sofrer de uma falta de profundidade e totalidade enquanto a sua investigação for fragmentada em várias disciplinas. Por outro lado, o autor enfatiza que

quando a questão é colocada sobre a finalidade e a razão de ser do turismo. Quando e onde o turismo está em causa, no domínio da filosofia, encontramos um grande vazio porque, em contraste com os outros numerosos e diversos estudos científicos, a abordagem filosófica no turismo é praticamente inexistente (Comic, 1989, p. 6).

Um dos autores mais recentes que defende o turismo como ciência é Jean Hoerner onde, no seu artigo “*Pour la reconnaissance d'une science touristique*”, publicado em 2000, na ‘Revue Espace’, realça que a investigação turística só será melhorada se o turismo for considerado uma ciência autónoma. No seu livro “*Traité de tourismologie: pour une nouvelle science touristique*”, publicado em 2002, o autor afirma que a turismologia não é só o nome que atribui “a uma nova ciência para o estudo do turismo, mas igualmente o melhor meio para afirmar a importância das atividades turísticas no mundo” (Hoerner, 2002, p. 6). Assim, o autor considera que a nova ciência designada por turismologia estuda tudo aquilo que está ligado a uma viagem turística como, por exemplo, as relações entre os turistas/visitantes e as sociedades recetoras ou os impactos provocados pelo turismo.

Para todos estes autores (Leiper, 1981; Jovicic, 1988; Comic, 1989; Horner, 2002), “se o turismo não for estudado como um todo, os argumentos vão persistir no que diz respeito às definições, modelos e orientações. Essas divergências resultarão, principalmente, das tentativas de descrever e definir o turismo dentro das várias fronteiras disciplinares” (Echtner e Jamal, 1997, p. 870). Contudo, Korstanje (2009) afirma que o turismo só será considerado uma disciplina científica quando construir o seu próprio objeto de estudo. E, claro, que esse objeto de estudo o distinga das demais ciências. Mas, “o turismo, como um objeto de estudo académico, enfrenta uma espécie de crise de identidade” (Sharpley, 2011, p. 13) e, portanto, vai continuar a encontrar dificuldades na construção do seu próprio objeto de estudo. Essa crise de identidade está relacionada, por um lado, com o facto de o ensino superior do turismo estar sediado em diversos departamentos (economia, gestão, geografia, sociologia, educação, etc.) que, de certa forma, influenciam a designação dos cursos de turismo e as suas estruturas curriculares.

Para Weaver e Lawton (2010), o reconhecimento do turismo como área de investigação independente tem conhecido alguns obstáculos que resultam de fatores, tais como: a) o turismo era percebido como uma atividade trivial, uma vez que as instituições académicas consideravam que o turismo era uma atividade pouco relevante; b) a falta de definições claras e dados fiáveis, ou seja, o enfoque do turismo e o seu lugar dentro de um sistema mais amplo de investigação académica não é muito claro; c) o turismo em larga escala é uma atividade recente; d) a necessidade de teorias próprias e de uma tradição académica enraizada nos estudos do turismo; e) o turismo é percebido como um campo de estudo profissional, que é reflexo de um ponto de vista simplista que implica somente a formação técnica para aproveitar as oportunidades de empregos criadas.

Beni e Moesch (2016, p.27) sublinham que “a razão da não construção de uma ciência do turismo” está, especialmente, “na má compreensão do domínio do objeto turístico, objeto de investigação mal definido, e consequente assimilação insuficiente dos conhecimentos adquiridos”. Segundo os autores, para “construir uma ciência do turismo deve-se ir muito além da construção de uma

metodologia, já que esta não deve ter um fim em si mesma, mas ser um meio para se atingir o fim cognitivo” (Beni & Moesch, 2016, p.12).

O turismo é um fenómeno socialmente reconhecido, mas “o seu estatuto como objeto científico dentro de um campo académico parece ainda estar em questão” (Darbellay & Stock, 2011, p.441). No entanto, a discussão académica internacional sobre o turismo como uma disciplina autónoma vai continuar a movimentar investigadores em todo o mundo. Mas de facto, “o avanço que o conhecimento turístico pode ter como disciplina de carácter científico dependerá, em grande parte, da capacidade de crítica e reflexão que as novas tendências na investigação deste objeto de estudo possam assumir” (Netto & Nechar, 2016, p.81).

1.2. O turismo como área multidisciplinar e interdisciplinar

Para alguns autores, apesar da falta de modelos e de conceitos nos estudos turísticos, o desenvolvimento do turismo como uma disciplina autónoma não deve existir (Jafari, 1990; Graburn & Jafari, 1991; Tribe, 1997). Pelo contrário, “eles enfatizam a necessidade de uma maior pesquisa num cruzamento disciplinar para superar as dificuldades conceptuais e metodológicas” (Echtner & Jamal, 1997, p. 870). Ou seja, o turismo apenas pode ser estudado “se as fronteiras disciplinares forem cruzadas e se as perspectivas multidisciplinares forem procuradas ou formadas” (Graburn & Jafari, 1991: 7). Um grande defensor desta corrente é John Tribe (1997) que, no seu artigo “*The Indiscipline of Tourism*”, publicado na ‘Annals of Tourism Research’, argumenta que o estudo do turismo como uma disciplina autónoma deve ser abandonado. Ou seja, considera que “o estudo do turismo deve reconhecer e celebrar a sua diversidade” (Tribe, 1997, p. 656).

Tribe (1997), argumenta que há três aspectos que contribuem para que o turismo não seja uma disciplina: a) o estudo do turismo pode abranger uma série de conceitos; b) os conceitos turísticos não formam uma rede distinta e uma estrutura teórica coesa, ou seja, eles tendem a ser diferenciados e atomizados

e, por isso, necessitam de ser compreendidos, de uma forma geral, dentro da estrutura lógica da disciplina que os providencia. A sua única ligação é o seu objecto de estudo que é o turismo; c) os estudos turísticos não possuem expressões ou enunciados que sejam testáveis em oposição aos critérios de experiência que são específicos para os estudos do turismo.

O estudo do turismo deve e/ou pode seguir uma abordagem multidisciplinar ou interdisciplinar (Przeclawski, 1993; Echtner & Jamal, 1997; Tribe, 1997). Na pesquisa multidisciplinar, de acordo com Przeclawski (1993), cada uma das disciplinas envolvidas usa os seus próprios conceitos e métodos. Assim, e segundo o autor, apenas o tema geral da pesquisa é o mesmo. O *background* dos investigadores e os seus pontos de vista sobre a sociedade e a humanidade podem ser muito diferentes e, por isso, os resultados obtidos só podem ser analisados ao nível de cada disciplina e em separado. Logo, “a comparação complexa, o ponto de vista sintético é praticamente impossível ou pode ser apenas muito superficial” (Przeclawski, 1993, p. 13). Assim sendo, e segundo esta abordagem, cada disciplina contribui com o seu próprio conhecimento para o estudo do turismo. Ou seja, no turismo a abordagem multidisciplinar envolve o estudo de um tópico onde inclui informações de outras disciplinas, “mas continua operando dentro de limites disciplinares” (Echtner & Jamal, 1997, p. 878). Por exemplo, numa pesquisa multidisciplinar, o desenvolvimento do turismo numa localidade pode ser analisado de forma independente por economistas, sociólogos, geógrafos ou antropólogos que usam as suas próprias questões epistemológicas e metodológicas. Tal significa que os resultados e recomendações da pesquisa, por exemplo dos geógrafos, podem ser diferentes dos resultados dos sociólogos. Logo, a abordagem multidisciplinar “não facilita totalmente uma síntese completa de duas ou mais disciplinas para criar e integrar novos conhecimentos. Para conseguir isso, a pesquisa interdisciplinar é necessária” (Okumus e Niekerk, 2016, p.637).

Na pesquisa interdisciplinar o investigador analisa, simultaneamente, um determinado problema a partir de diversas áreas para levar em consideração, ao mesmo tempo, aspectos diferentes do tema (Przeclawski, 1993). O autor considera que “a investigação interdisciplinar deve ser muito mais unificada,

muito mais concentrada do que a pesquisa multidisciplinar” (Przeclawski, 1993, p. 13). Na interdisciplinaridade é possível compreender a cooperação e o diálogo entre diversas disciplinas que investigam um tema comum como, por exemplo, a experiência do turista nos destinos que visita. A interdisciplinaridade ocupa-se da síntese de duas ou mais disciplinas, estabelecendo um novo nível do discurso caracterizado por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais (Beni & Moesch, 2016). Assim, a interdisciplinaridade pode ser entendida como

um empreendimento que se vale do intercâmbio de instrumentos e técnicas metodológicas, esquemas conceituais e análises de diversos ramos do saber, com a finalidade de fazê-los convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. Ao entrar num processo interactivo, duas ou mais disciplinas ingressam, ao mesmo tempo, num diálogo em pé de igualdade. Não há supremacia de uma sobre as demais. As trocas são recíprocas. O enriquecimento é mútuo (Japiassú, 1976, p.81).

A interdisciplinaridade, possibilita “a geração de novas disciplinas, o surgimento de novos conceitos e categorias de análise, o emprego de variáveis de ciências consolidadas como instrumentalização teórica para novas abordagens científicas...” (Beni & Moesch, 2016, p.21). No caso do turismo, a análise interdisciplinar pode ser interpretada como um elemento estratégico essencial capaz de ampliar o olhar para a compreensão da realidade (Dencker, 2002). Assim, “a interdisciplinaridade, fundamental à análise do turismo como fenómeno social, cultural, comunicacional, económico e subjectivo, ultrapassa as fronteiras de uma única disciplina ou de um único campo do saber” (Moesch 2002, p. 14). Ou seja, a abordagem interdisciplinar no turismo envolve duas ou várias disciplinas em interação com a finalidade de descrever, analisar e compreender a complexidade do fenómeno turístico. Portanto, considera um tema de pesquisa, como por exemplo a motivação em turismo, não só a partir da perspetiva de uma única disciplina, mas de várias disciplinas (sociologia, antropologia, psicologia). Assim, a pesquisa interdisciplinar em turismo pode

ser definida como “a organização de uma interface entre diferentes disciplinas e corpos de conhecimento, com a finalidade de analisar as manifestações e as complexidades existentes das dimensões turísticas da sociedade” (Darbellay & Stock, 2012, p. 453).

Jafari (1990) realça que a investigação em turismo deve ocorrer no âmbito de outras disciplinas, mas defende a necessidade de estudar o turismo de uma forma mais sistemática. O autor sugere uma plataforma baseada no conhecimento científico onde considera que do estudo do turismo como um todo, das suas estruturas e relações podem resultar construções teóricas e aplicações práticas. Assim sendo, o autor considera que

hoje tudo parece indicar que o turismo seguirá o seu progresso com êxito até novas fronteiras do conhecimento. (...) O alcance do objetivo final (a cientificação do turismo) dependerá do apoio e do tipo de influência que exercer a comunidade académica, as organizações de viagens e a indústria turística propriamente dita (Jafari, 1994, p. 28).

Echtner e Jamal (1997) colocam os estudos do turismo numa fase pré-paradigmática. Os autores argumentam que a actual fragmentação que existe nos estudos do turismo é “um impedimento para a investigação, educação e legitimidade dos estudos em turismo” (Echtner & Jamal, 1997, p.878). Todavia, os autores consideram que o desenvolvimento do turismo como uma disciplina distinta está repleto de dificuldades porque a maioria dos investigadores em turismo foram educados dentro de várias disciplinas como a geografia, a sociologia ou a antropologia (Echtner & Jamal, 1997). Para estes autores, existem algumas dimensões-chave que contribuem para a evolução do turismo no sentido de uma maior credibilidade como um campo de estudo e estatuto disciplinar: a pesquisa holística e integrada; a conceção de um corpo teórico de conhecimento; um enfoque interdisciplinar; uma teoria e metodologia claramente explicitadas; a utilização de diversas abordagens metodológicas. Para estes autores, e numa perspetiva filosófica e prática, “o desenvolvimento do turismo como uma disciplina distinta não é uma certeza. (...) Uma maior colaboração entre disciplinas

é necessária, neste momento, para avançar ainda mais no estudo do turismo em direção a uma disciplina distinta” (Echtner & Jamal, 1997, p. 880).

1.3. O turismo como área transdisciplinar

O turismo, para além de ser estudado através de uma abordagem multi e interdisciplinar, também pode ser analisado numa perspetiva transdisciplinar. No entanto, “adotar a transdisciplinaridade nos estudos em turismo exige um esforço muito grande e ainda não se trata de uma realidade em grande parte das investigações” (Silva, 2018, p. 62). Para alguns autores,

construir uma teoria que dê conta das práticas turísticas deve ser uma conquista transdisciplinar, em que a cada momento é, simultaneamente, produzido o conhecimento e o produtor da ação desse conhecimento, numa recursão organizacional, na qual a parte está no todo e o todo está na parte (Beni & Moesch, 2016, p. 21).

A transdisciplinaridade propõe outro olhar ao que já se conhece e, também, uma abertura e sensibilidade para compreender o que ainda não foi descoberto e que pode residir em dimensões diferentes da realidade percebida pelo ser humano (Sonaglio, 2013). No campo dos estudos turísticos, a transdisciplinaridade deve procurar um olhar cruzado que permita descobrir as ‘pontes’ entre as várias áreas de conhecimento. Nicolescu (2002) desenvolve a transdisciplinaridade como uma forma de ser, saber e abordar, que atravessa as fronteiras epistemológicas de cada ciência. Para este autor,

a transdisciplinaridade envolve aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das distintas disciplinas e além de toda e qualquer disciplina. A sua finalidade é a compreensão do mundo actual, para a qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Nicolescu, 2002, p. 44).

Para Sonaglio (2013, p. 206), a abordagem transdisciplinar procura estimular a sensibilidade diante daquilo que a disciplinaridade, muitas vezes, nem sequer reconhece como existente". Gibbons (1997, p. 42) afirma também que a "transdisciplinaridade é a forma privilegiada de produção de conhecimento. Corresponde a um movimento que ultrapassa as estruturas disciplinares na constituição da agenda intelectual, na forma de desdobrar recursos e nas formas de organização da pesquisa e os resultados são comunicados e avaliados". Logo, "não há oposição entre disciplinaridade (incluindo a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade) e transdisciplinaridade, mas uma complementaridade fértil. Na verdade, não há transdisciplinaridade sem disciplinaridade" (Nicolescu, 2010, p. 22).

Segundo Santos (2008), o conhecimento transdisciplinar associa-se à dinâmica da multiplicidade das dimensões da realidade e apoia-se no próprio conhecimento disciplinar. No campo do turismo, o objeto pode ser abordado por várias disciplinas que interatuam umas com as outras com os seus saberes, discursos e explicações. Assim, a transdisciplinaridade surge nos estudos em turismo como "um olhar disposto a perceber e pensar sobre aquilo que escapa ao olhar disciplinar, aquilo que está 'entre', 'através' e 'além' das disciplinas" (Sonaglio, 2013, p. 207). Neste sentido, e segundo a autora, a transdisciplinaridade procura identificar, conceituar e teorizar sobre os aspetos da realidade perceptíveis e pensáveis, somente, através de uma perspetiva transdisciplinar. Sintetizando, "o olhar transdisciplinar ao turismo permite evitar o reducionismo decorrente das disciplinas que o tentam explicar e/ou propor métodos para sua implementação planejada" (Sonaglio, 2013, p. 215). Sublinhe-se, no entanto, que no turismo, a "transdisciplinaridade não irá prescindir das disciplinas, uma vez que é delas que decorre a sua origem" (Dencker, 2002, p. 39).

2. Conclusão

As relações entre o turismo e outras disciplinas são diversas e, portanto, o fenómeno turístico tem sido estudado a partir de teorias e metodologias de outros

campos do saber. Considerado como um fenómeno social, político, económico, cultural, geográfico e comunicacional, o turismo precisa de ser analisado através de diferentes perspetivas. Por isso, é que muitos investigadores defendem uma abordagem multi, inter e transdisciplinar. É um facto que outras disciplinas, como por exemplo a Geografia, a Sociologia, a Economia ou a Antropologia, cruzam fonteiras disciplinares para produzirem conhecimento, mas “elas têm uma casa para a qual podem regressar. O turismo não tem” (Jafari & Ritchie, 1981, p. 22). Há evidências que alguns estudos turísticos se desenvolvem no sentido do turismo se tornar uma disciplina distinta, mas de facto “existem muitas razões práticas e filosóficas que dificultam a sua evolução” (Echtner & Jamal, 1997, p. 880).

A complexidade e abrangência do fenómeno turístico fazem com que ele seja estudado de acordo com a visão dos diferentes autores e, portanto, o seu objecto de estudo acaba por ser alvo de uma multiplicidade de abordagens que vão desde, entre outras, a antropologia, a sociologia, a geografia, a economia, a psicologia e a história. Logo, nenhuma disciplina pode reclamar para si o monopólio da compreensão do fenómeno turístico, dado que ele é multidimensional e requer diversas aproximações teóricas.

Em Portugal, as características da interdisciplinaridade e multidisciplinaridade têm marcado fortemente a forma como os cursos de turismo são estruturados, bem como os tipos de pesquisa que são realizados. A aplicação da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade nos estudos do turismo é determinada, em muitos casos, pela formação dos investigadores, mas também pelos conhecimentos e metodologia das diferentes disciplinas que eles utilizam na sua investigação.

Conclui-se que no turismo é necessário um ‘saber-fazer’, pois as categorias que traduzem a sua estrutura vão além do tempo, espaço ou consumo (Moesch, 2002). Assim sendo, as funções que o turismo exerce sobre as diversas dimensões da sociedade implicam uma investigação interdisciplinar, multidisciplinar ou transdisciplinar. No entanto, a complexidade do fenómeno turístico que engloba a perspetiva da oferta e da procura vai continuar a movimentar investigadores na luta por uma disciplina autónoma.

Referências bibliográficas

- Arrillaga, J. (1974), "El Turismo Como Ciencia", *Estudios Turísticos*, N. 41, Pp. 5-30.
- Beni. M E Moesch, M. (2016). Do Discurso Da Ciência Do Turismo Para A Ciência Do Turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, N.25, P.9-30.
- Comic, D. (1989). Tourism As A Subject Of Philosophical Reflection. *Tourism Review*. Vol. 44 (2), P.6-13.
- Darbellay, F. E Stock, M. (2012). Tourism As Complex Interdisciplinar Research Object. *Annals Of Tourism Research*, Vol. 39 (1), P. 441–458.
- Dencker, A. (2002). *Pesquisa E Interdisciplinaridade No Ensino Superior: Uma Experiência No Curso De Turismo*. São Paulo: Aleph.
- Echtner, C. E Jamal, T. (1997). The Disciplinary Dilemma Of Tourism Studies. *Annals Of Tourism Research*, Vol. 24 (4), P. 868-883.
- Gibbons, M. et al. (1997). La Nueva Producción Del Conocimiento – La Dinámica De La Ciencia Y La Investigación En Las Sociedades Contemporáneas. Barcelona: Ediciones Pomares.
- Graburn, N. E Jafari, J. (1991). Introduction: Tourism Social Science. *Annals Of Tourism Research*, Vol. 18 (1), P. 1-11.
- Hall, C. et al. (2004). *Turismo: Conceitos, Instituições E Temas*, In Lew, A. Et Al Eds.), *Compêndio De Turismo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hoerner, J. (2000). Pour La Reconnaissance D'une Science Touristique. *Revue Espace*, N. 173, P.1-3.
- Hoerner, J. (2002). *Traité De Tourismologie: Pour Une Nouvelle Science Touristique*. Paris: Presses Universitaires De Perpignan.
- Hunziker, W. (1952). La Science Touristique Avance. *The Tourist Review*, Vol. 7 (3), P.87-90.
- Hunziker, W.(1954). La Doctrine Touristique. *The Tourist Review*, Vol. 9 (2), P.56-62.
- Jafari, J. (1990). Research And Scholarship: The Basis Of Tourism Education. *Journal Of Tourism Studies*, Vol. 1(1), P. 33-41.
- Jafari, J. (1994). La Cientificacion Del Turismo. *Estudios E Perspectivas En Turismo*, Vol. 3 (1), P.7-36.
- Jafari, J. E Ritchie, B. (1981). Towards A Framework For Tourism Education: Problems And Prospects. *Annals Of Tourism Research*, Vol. 8 (1), P. 13-34.
- Japiassu, H.(1976). *Interdisciplinaridade E Patologia Do Saber*. Rio De Janeiro: Imago.
- Jovicic, Z. (1988). A Plea For Tourismological Theory And Methodology. *Tourism Review*, Vol. 43 (3), P. 2-5.
- Korstanje, M. (2009). Turismo: Un Nuevo Enfoque Disciplinario Para La Enseñanza Académica". *Turydes – Revista De Investigación En Turismo Y Desarrollo Local*, Vol 2 (5), P.1-21.
- Korstanje, M. (2012). Nociones Basicas De Epistemología Para El Turismo. *Turydes – Revista De Investigación En Turismo Y Desarrollo Local*, Vol. 5(12), 1-4.
- Leiper, N. (1979). The Framework Of Tourism: Towards A Definition Of Tourism, Tourist, And The Tourist Industry. *Annals Of Tourism Research*, Vol.6 (4), P.390-407.
- Leiper, N. (1981), "Towards A Cohesive Curriculum In Tourism: The Case For A Distinct Discipline", *Annals Of Tourism Research*, Vol. 8, N. 1, Pp. 69-84.

- Leiper, N. (2000). An Emerging Discipline. *Annals Of Tourism Research*, Vol 27(3), P. 805-809.
- Marujo, N. (2013). A Pesquisa Em Turismo: Reflexões Sobre As Abordagens Qualitativa E Quantitativa. *Turydes – Revista De Turismo Y Desarrollo Local*, Vol. 6 (14), P.1-16.
- Marujo, N. (2013). O Estudo Do Turismo Na Academia. In Marujo, N. (Coord). *Os Estudos De Turismo Na Universidade De Évora: Ensino E Investigação*. Departamento De Sociologia Da Ecs Da Universidade De Évora.
- Moesch, M. (2002). *A Produção Do Saber Turístico*. São Paulo: Contexto.
- Nechar, M. E Netto, A. (2010). Implicaciones Epistemológicas En La Construcción Del Conocimiento Del Turismo. In Necahr, M. E Netto, A. (Eds), *Epistemología Del Turismo: Estudios Críticos*, Pp.15-40 São Paulo: Trillas.
- Netto. A. E Nechar. M. (2016). Epistemologia Do Turismo: Escolas Teóricas E Proposta Crítica. In Netto, A. E Nechar, M. (Eds.), *Turismo Perspetiva Crítica*. Pp.25-58, Assis: Triunfal Gráfica.
- Netto, A.; Noguero, F. E Jager, M. (2011). Por Uma Visão Crítica Nos Estudos Turísticos. *Turismo Em Análise*, Vol. 22 (3), P. 539-560.
- Nicolescu, B. (2002). *Manifesto Of Transdisciplinarity*. Albany: State University Of New York Press.
- Nicolescu, B. (2010). Methodology Of Transdisciplinarity – Levels Of Reality, Logic Of The Included Middle And Complexity. *Transdisciplinary Journal Of Engineering & Science*, Vol. 1 (1), P.19-38.
- Okumus, F. E Niekerk, M. (2016). Multidisiplinarity. In Jafari, J. E Xiao, H. (Eds), *Encyclopedia Of Tourism*, Pp.637-638, Switzerland: Springer.
- Przeclawski, K. (1993). Tourism As The Subject Of Interdisciplinary Research. In Pearce, D. E Butler, R. (Eds.), *Tourism Research: Critiques And Challenges*. Routledge, London, Pp. 9-19.
- Santos, A. (2008). Complexidade E Transdisciplinaridade Em Educação: Cinco Princípios Para Resgatar O Elo Perdido. *Revista Brasileira De Educação*, Vol. 13 (37).P.71-83.
- Sharpley, R. (2011). The Study Of Tourism: Past Trends And Future Directions. London: Routledge.
- Silva, T. (2018). O Turismo Como Um Sistema Complexo: Sociabilidades, Comunicações E Desafios Metodológicos. *Caderno Virtual De Turismo*, Vol.18 (1), P. 53-65.
- Sonaglio, K. (2013). Uma Abordagem Transdisciplinar Para O Desenvolvimento Sustentável Do Ecoturismo. *Turismo – Visão E Ação*, Vol. 5 (2) P.161-168.
- Sonaglio, K. (2013). Transdisciplinar O Turismo: Um Ensaio Sobre A Base Paradigmática Making. *Pasos – Revista De Turismo Y Patrimonio Cultural*, Vol. 11 (1), P.205-216.
- Smith, S. (2010). *Practical Tourism Research*. Wallingford: Cabi International.
- Tribe, J. (1997). The Indiscipline Of Tourism. *Annals Of Tourism Research*, Vol. 24(3), P. 638-457.
- Valduga, V. (2013). Para Onde Vai O Pensamento Turístico?. *Turismo & Sociedade*, Vol 6 (2), P. 462-465.
- Weaver, D. E Lawton, L. (2010). *Tourism Management*. 4.^a Ed., Australia: John Wiley & Sons.

Nota: “Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e PT2020, no âmbito do projeto UID/HIS/00057/2019”.